



Resenha

PIMENTA. C.A.M. **Antropologia urbana**: diálogos com Márcia Regina da Costa. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

Sobre olhares e falas, ainda que na ausência

About looks and words, even in the absence

Adilson da Silva Mello¹
Giovanni Horácio Guimarães²

Trata-se de resenha do Livro *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa*, organizado pelo pesquisador Carlos Alberto Máximo Pimenta, publicado pela Editora Armazém Digital, no ano de 2009, contendo 402 páginas. Em si, o livro é de uma efervescência significativa, pois congrega dois motivos relevantes: homenageia uma pesquisadora em franca atividade que falece no auge da produção intelectual e adensa temas pertinentes e atuais da realidade urbana brasileira.

Na vida, existem poucos casos de homenagem póstuma a pessoas que passaram pelas vidas de outras sem, no entanto, se tornarem ícones para a sociedade. Talvez a criatividade transparente ainda seduza o humano. O livro *Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa* é uma coletânea de textos de orientandos da

Recebimento: 2/3/2010 • Aceite: 5/4/2010

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor e pesquisador do GEPE-Humanas da Universidade Federal de Itajubá. End: Caixa Postal: 50 - CEP: 37500 903 - Itajubá - MG, Brasil. E-mail: prof.adilsonmello@gmail.com

² Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor e pesquisador do GEPE-Humanas da Universidade Federal de Itajubá. E-mail: ghguimaraes@uol.com.br

Professora Márcia Regina da Costa dentro da temática de sua pesquisa. A professora explorava temas criativos como violência e suas dimensões urbanas, culturas juvenis, violência e futebol, todas envolvendo o cotidiano como campo de pesquisa.

Trabalhos de alunos de mestrado e doutorado da Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP que lidam com temas que variam entre música, futebol, juventude e violência estão articulados de forma “provocativa” nesta coletânea.

O texto se divide em três partes: a) Cultura e Sociabilidades; b) Cultura e Juventudes; c) Culturas urbanas e Violência. As mesmas são integradas por uma apresentação que descreve os artigos destacando a questão do “olhar plural e contemporâneo na cultura urbana”. Na apresentação é destacada a questão dos limites de uma coletânea que é fruto de um Núcleo de Pesquisas (Núcleo de Estudos do Cotidiano e da Cultura Urbana) e possui do ponto de vista epistemológico, seus limites ainda em processo de discussão e definição – se é que existe algo definido de forma tranqüila no campo da epistemologia.

Na primeira parte da coletânea há, na disposição dos artigos, uma feliz passagem da sociabilidade virtual (“*Jogos de RPG na internet: socialidades e sociabilidades on line e off line*”, “*Os invasores de Sites*”) para a realidade concreta mediada pela questão do corpo (“*O Corpo Contemporâneo: visibilidades e modelações*”, *Drogas, encantos e desencantos: o desafio de viver no mundo espetacular*”), culminando com as sociabilidades fundadas no corpo (*O corpo contemporâneo: visibilidades e modelações*).

O impacto das tecnologias de informação e comunicação é sentido sobre toda a vida social, seja no trabalho, no lazer e nas relações entre os indivíduos. A utilização de tais tecnologias gera novas formas de interação, identidades, hábitos sociais, enfim, novas formas de sociabilidade. As relações sociais passam a ser mediadas pelo computador, independentes de espaço e tempo definidos. São variáveis imprescindíveis para o cidadão neste novo tempo, denominado das mais variadas formas, como era da informação, sociedade pós-industrial, era do virtual ou sociedade da informação e do conhecimento. Daí a importância da primeira parte deste núcleo reflexivo.

O corpo ganha espaço no texto com a idéia de movimento. É através do corpo que experimentamos todas as nossas vivências. Um mundo em movimento acelerado vai, necessariamente, impactar o imaginário sobre o corpo e influenciar e interferir nas práticas de relações humanas com este corpo. Uma das perspectivas dentro da

esfera social é o referencial estético que, em muitos casos, está associada à idéia de “bem estar” sem, necessariamente, ter seus vínculos com o “saudável”. Ou ainda, em via oposta, “passa longe do saudável” quando deixa de ser referência. É o caso da toxicomania que pode ser fruto de condições sociais de pobreza que podem gerar uma espécie de carência que fazem aflorar nos sujeitos sociais uma carência social que pode fazer aflorar traços narcisistas existentes.

Finalmente o corpo ganha sua dimensão relacional no espaço lúdico do futebol. A questão racial e as contradições sociais não são esquecidas dando aos textos caráter crítico. Os avanços tecnológicos modificam a natureza das experiências, já que agem transformando significativamente a organização social, cultural, espacial e estética das cidades. O individualismo, de uma forma bastante marcante, delinea os nossos modos pensar o homem, a pessoa e o corpo.

O futebol encerra a leitura das sociabilidades como prática cultural (*Futebol no sul e no interior de São Paulo: resistência étnica e organização popular*) traçando uma comparação entre o processo de implantação do futebol no sul do país e em São Paulo. Refletindo sobre essas diferentes realidades o autor discute relações sociais como um processo de fortalecimento de lutas e organizações populares. No último artigo desta primeira parte (*Várzea e sua metamorfose na cidade de São Paulo*), a coletânea encerra discutindo avanços urbanos, sua relação com os espaços conquistados pelo futebol dando novos contornos a uma prática social que se inseriu nesta nova realidade, porém conservando, seu espaço original.

A segunda parte da coletânea delinea as contradições sociais vividas por jovens em diferentes construções culturais. O sonho do futebol e os sentidos produzidos por eles. Por esta rede de significados construídos, o futebol se torna um projeto de vida, principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram em casa algum jovem com talento para o esporte. Os investimentos familiares se transformam em histórias de sacrifício e dedicação que podem resultar em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram neste sonho. A espetacularização é um fenômeno midiático da sociedade contemporânea e amplia a relação de tensão entre o indivíduo e o coletivo.

Através de um estudo comparativo entre a cidade de São Paulo e Lisboa, esta segunda parte da coletânea segue apontando a discriminação da população negra e relacionando-a com um processo de desqualificação social que são gerados por estigmas que se ancoram nos referenciais das respectivas sociedades. Os mesmos são gerados

por “políticas públicas” fundadas na “periferização controlada” das relações sociais dessas populações.

Na continuidade desta segunda parte, o texto resgata o Hip-Hop como elemento cultural produzido que ocupa as lacunas que a educação formal não conseguiu preencher, gerando um espaço de referência para os adolescentes, onde estes desenvolvem um sentido de comunidade que fundamenta um sentido de identidade radicalizado na experiência social, cultural e étnica. Diferentemente da escola, o conhecimento é gerado por meio das vivências dos seus integrantes. As experiências destes em trabalho coletivo geram o aprendizado que acontece no âmbito da comunicação oral e é carregado de representações e tradições culturais.

Por conta da incapacidade de pensar a escola como cotidiano e processo, a instituição não percebe a multiplicidade cultural e de identidades conviventes dentro de um mesmo espaço. Cultura parental e cultura institucional, comunidade e escola vivem em constante conflito. Existem obstáculos nas instituições escolares formais que impedem a comunicação entre a escola e a família. Os mesmos são impeditivos da possibilidade da comunidade local participar da comunidade escolar com as suas subjetividades e a sua intervenção.

Em um mundo em que a globalização das referências acontece reforçando e proliferando culturas particulares, as juventudes, por sua vez, apontam demandas que dizem respeito a comportamentos e estilos de vida específicos, numa tentativa de criar referências culturais alternativas à cultura padrão. Tudo isso se encontra inserido em práticas que se expressam através de elementos concretos investidos sobre o corpo, gosto musical e experiências. As culturas juvenis são formações sociais que relacionam sensibilidades e escolhas culturais com o intuito de que se permita desenvolver redes relacionais de proximidade recriando novas cenas urbanas e processos de filiação a grupos sociais. A cultura gótica é uma entre as culturas juvenis. No caso dos góticos, o início se deu entre as novidades criadas a partir do pós-punk. A autora procura desvendar os códigos que retratam a memória destes grupos.

As transformações no campo do sentimento da insegurança e o fortalecimento de um imaginário do medo no mundo moderno têm relação com a ascensão da violência. Essas questões estão cada vez mais sendo realçadas nas discussões e produções atuais, na mídia, nas universidades, nas escolas, no cotidiano das pessoas, em virtude de suas conseqüências e da aparente falta de controle de que se revestem.

O aumento da violência ou seu tratamento inadequado podem contribuir para o desenvolvimento desse imaginário. A vida vem se tornando cada vez mais difícil à proporção que a violência se desenvolve e medidas de proteção são tomadas isolando, paulatinamente, o cidadão do mundo que o cerca.

Na terceira parte do texto, a discussão acontece no campo cotidiano da violência explícita e no das conseqüências das diferentes formas de pensar sua solução. No primeiro texto desta reflexão (*Justiceiros: violência e justiça*) a autora procura evidenciar que a violência gera desdobramentos que chegam à vias de implantação de práticas não oficiais de “justiça”. A autora discute a prática dos “justiceiros” como fruto de uma realidade desigual e contraditória da sociedade brasileira, gerada por racismo, exclusão, desigualdades e ausência do Estado. No imaginário local, os justiceiros são considerados “profissionais do crime”, pois impõem ordem social recebendo apoio da comunidade (por respeito ou medo). Trabalhando com autores como René Girard e Roger Dadoun, a autora afirma que a violência contamina esses sujeitos sociais na medida em que se inserem no ciclo da vingança, perdendo, por sua vez, o sistema judiciário (substituto do sistema sacrificial e racionalizador da vingança) como via da justiça.

Em um segundo texto (*Direitos Humanos: uma conquista histórica de direitos para a humanidade*), a autora trata da questão dos direitos humanos afirmando a partir de uma análise teórico-conceitual (a partir da corrente jusnaturalista) propondo um diálogo com as sociedades primitivas com objetivo de apontar caminhos que consolidem um Estado comprometido com valores dos direitos humanos. O texto busca sua fundamentação teórica em autores como Hobbes, Locke, Clusters, Girard e Hannah Arendt, entre outros.

Com o texto “*A cultura da violência na formação policial*” a coletânea confere ao tema uma discussão sobre as raízes da prática da violência em uma instituição do oficial de manutenção da ordem. O autor afirma que a formação dos policiais civis (cidade de Teresina) funda-se em uma “zona de orquestração moral” marcada por ideais de masculinidade, virilidade e sexismo defensores da ordem social. O autor trabalha o processo de formação, a relação entre policiais e novatos. Termina o artigo afirmando a necessidade de maior discussão na formação e flexibilização das grades destes cursos, compromisso de professores com o processo democrático, dentre outras.

Em “*Por um olhar antropológico do combate: as relações de poder e resistência no Pavilhão Oito da Casa de Detenção de São*

Paulo”, o autor faz uma leitura da sociabilidade carcerária, seus símbolos e construções de poder fundadas nas relações dos sujeitos sociais que vivem aquela realidade prisional.

Concluindo a coletânea, o texto “*Do Cárcere à Rua: o percurso e o método*”, trabalha as conseqüências do desencarceramento e analisa as dificuldades de conviver com os estigmas deste processo. A condição de ex-presos carrega consigo a o peso da sociabilidade carcerária e, conseqüentemente, afeta a reconstrução de elementos fundamentais da vida cotidiana tais como as relações formais de trabalho, de lazer, de família. Nesse processo, ressalta o autor, a emancipação dessa condição de ex-presos se dá por meio do trabalho, da literatura, da arte ou mesmo do empreendedorismo autônomo. A liberdade é vista como um processo, uma luta social travada no interior da sociedade.

A coletânea trata de temas aparentemente periféricos que a antropologia urbana vem resgatando nos últimos anos. Além do mais, a variação dos artigos apresenta uma experiência da diversidade, possibilitando a presença unificadora dos parâmetros ligados ao elemento urbano. A troca implícita entre diferentes artigos interligados por eixos, o reconhecimento da multiplicidade de usos temáticos e olhares interpretativos faz parte da tensão de uma coletânea. Mas esbarra, por outro lado, na dificuldade de expor, de forma completa, o processo de argumentação de cada autor tendo em vista que os textos sintetizam uma dissertação ou tese de doutorado.

Com efeito, a coletânea apresenta experiências cotidianas afirmando o quadro de contrastes exacerbado pela heterogeneidade e desigualdade social e cultural, pela fragmentação e compartimentação de espaços e vivências, pela violência, pela degradação e perversa distribuição de renda e dos poderes coletivos.

Os autores conseguem trabalhar em seus textos, experiências sociais sem os romantismos anacrônicos de certas reflexões sobre “sociabilidade” e, ao mesmo tempo, explicitar um campo de possibilidades interpretativas e investigativas ao urbano e à antropologia necessários ao entendimento das tramas presentes no cotidiano das cidades.